

O apelidamento de estádios de futebol em Sergipe

Nicknames of soccer stadiums in Sergipe-Brazil

Cezar Alexandre Neri Santos*
Cleberon Franclin Tavares Costa**

RESUMO: O fenômeno do apelidamento está intimamente ligado a dois sentimentos: afetividade e violência. No “mundo” do futebol, essa nomeação paralela é um frequente instrumento para referenciar times, torcedores e estádios e, a depender da relação com esses elementos, pode ser eufórica ou pejorativa. Assim, este artigo descreve e analisa o fenômeno de nomeação paralela de locais de prática ludopédica em Sergipe, dando-se a conhecer práticas onomásticas. Esses nomes permitem refletir sobre contextos socioculturais e políticos, bem como identificar tendências linguísticas e culturais que se configuram, não raro, em todo o território nacional. Como fonte primária dos dados, valeu-se do *Cadastro Nacional de Estádios de Futebol – CNEF* (2013). No entanto, a constatação de lacunas de dados levou os pesquisadores a disporem de pesquisa de campo por meio de investigação e entrevistas semidirigidas em prol de um inventário exaustivo e fidedigno que permitisse uma melhor caracterização desse fenômeno. Como resultados, dentre outras questões, percebeu-se que a rivalidade funciona como uma forte motivação para a criação de apelidos. Também foram listadas diversas metáforas conceituais e orientacionais a partir do *corpus* e constatou-se que tanto apelidos eufóricos quanto disfóricos se valem da sufixação em *-ão*, fenômeno corrente no Português brasileiro

ABSTRACT: The nickname phenomenon is closely linked to two feelings: affection and violence. In the realm of soccer, this parallel designation is a frequent instrument for referring teams, supporters and stadiums, whose nicknames, depending on the relation with these elements, can be affectionate or pejorative. Thus, this paper describes and analyses various soccer stadiums' nicknames in the state of Sergipe – Brazil, showing some onomastic phenomena through an exhaustive and trustworthy inventory. These names allow us to reflect on sociocultural and political contexts, as well as to identify linguistic and cultural tendencies that are often configured throughout the national territory. As the primary source of data, we had the *Cadastro Nacional de Estádios de Futebol – CNEF* (National Register of Football Stadiums) (2013). However, data gaps in the CNEF led the researchers to have field research, through semi-guided research and interviews, for an exhaustive and reliable inventory that would allow a better characterization of this phenomenon. As a result, among other issues, it was perceived that rivalry works as a strong motivation for the creation of nicknames. Several conceptual and orientational metaphors were also listed from the *corpus*, and it was found that both euphoric and dysphoric nicknames use the suffix *-ão* in its morphic structure, a current phenomenon in Brazilian Portuguese for

* Graduação e mestrado em Letras (UFS) e doutorando em Língua e Cultura (UFBA). Professor assistente da UFAL – Campus do Sertão. E-mail: neri.ufal@gmail.com

** Graduação em Psicologia e mestre em Saúde e Ambiente (Unit). Doutorando em Saúde e Ambiente pela Universidade Tiradentes. E-mail: costacleberon90@gmail.com

no apelidamento de estádios de futebol.

nicknames of soccer stadiums.

PALAVRAS-CHAVE: Apelidos. Estádios de futebol. Onomástica. Antonomásia. Sergipe.

KEYWORDS: Nicknames. Soccer stadiums. Onomastics. Monickers. Sergipe.

1. Introdução

Os nomes de pessoas são comumente tomados para a designação de espaços antrópicos como hospitais, praças e arenas desportivas, como parte de uma memorialização. Quanto às arenas desportivas, no Brasil, não raro essa nomeação oficial tem um caráter encomiástico, com homenagens a políticos ou dirigentes esportivos, locais ou nacionais. No entanto, no discurso cotidiano, a prática social de apelidamento ou denominação paralela se apresenta mais que frequente. Seja por processos analógicos, com formação sufixal, ou pela lexicalização com metonimização ou metaforização, o fenômeno de apelidamento de arenas desportivas se apresenta de diversas formas e com diferentes motivações.

O apelidamento tem função referencial e permite o (re)conhecimento, inclusive, pela tradução dos apelidos de times, agremiações ou jogadores. O *Real Madrid* – Espanha, por exemplo, é o **club merengue** (também chamado merengue no Português Brasileiro) –, a *Juventus* – Itália é **La Vecchia Signora** (A Velha Senhora), e o *Manchester United* – Inglaterra, internacionalmente conhecido como **Red Devils** – Diabos Vermelhos. Esse último não se apresenta no plano convencional dos tabus linguísticos, uma vez que há, inclusive, uma tendência de visão positiva, no âmbito do futebol, de itens tabu, como é o caso de **Urubu**, para o Flamengo-RJ. No âmbito local, os clubes *Sergipe*, *Confiança* e *Itabaiana*, por exemplo, são referenciados, dentre outras formas, como **Colorado**, **Proletário** e **Tricolor da Serra**, sendo extensas as motivações para o apelidamento de agremiações de futebol.

Neste artigo, espera-se, com base no *corpus* coletado, entender o fenômeno de nomeação paralela de estádios de futebol, entendendo-o num plano maior que é o apelidamento no âmbito do esporte, uma vez que a relação homem-espço, materializada em nomes para esses lugares, passa por sua relação com o(s) time(s) de futebol. Quanto a essa nominata, que funciona como topônimos paralelos, Vieira (2016) assim caracteriza:

A toponímia paralela tem, como característica principal, sua existência não oficial. Seu caráter espontâneo colocado no signo toponímico torna-o de fácil aceitação. De uso social mais restrito, por se tratar de signos sem registro, os topônimos paralelos são enunciados que caracterizam melhor a visão de mundo de seus usuários, e por isso, atendem apenas a pequenas comunidades.

Essa nomeação paralela, no *corpus* cotejado, se apresenta como individualizadora de um grupo social restrito – os amantes do futebol – e atua especialmente como um apelido. O fenômeno do apelidamento tem sido objeto de pesquisas em diferentes aspectos língu-psicossociais, especialmente os apelidos de nomes próprios de pessoas, como comprovam Seide (2008) e Amaral & Machado (2016). Contudo, verificou-se uma menor preocupação acadêmica para com apelidos de topônimos.

Este artigo, em prol de dirimir essa lacuna, vale-se de alguns nortes epistemológicos: o da Onomástica – ciência do ramo linguístico que estuda os nomes próprios – e o da Psicologia Ambiental – dada a especificidade de sentimentos em espaços antrópicos de lazer, como é o caso de estádios de futebol profissional. Assim, o objetivo deste estudo é descrever e analisar o fenômeno de nomeação paralela de locais de prática ludopédica em Sergipe, em busca de um inventário exaustivo e fidedigno de apelidos, dando-se a conhecer as práticas onomásticas nesse estado.

Como fonte primária, tomaram-se os dados apresentados no campo **apelido**³, na versão mais atualizada do *Cadastro Nacional dos Estádios de Futebol*, doravante CNEF (CBF, 2013). O CNEF, mesmo sendo uma fonte oficial da Confederação Brasileira de Futebol, claramente apresenta lacunas quanto a esse tipo de informação. Sabendo-se que a nomeação paralela dos estádios brasileiros vai muito além do encurtamento do nome oficial destes *loci*, foi necessário o expediente de pesquisa de campo, por meio de questionário semidirigido, bem como a busca por dados em *websites* e redes sociais na rede mundial de computadores (*internet*) com temática futebolística.

Contudo, com o entendimento de que a referência a times, torcedores e ao estádio do time rival se dá, não raro, de modo pejorativo e até violento, esse fato social permite a compreensão de que a denominação no futebol se configura por designações espontâneas e não oficiais, o que justifica sua catalogação e análise.

2. O fenômeno do apelidamento no futebol

No futebol, basta lembrar que a referência ao rei desse esporte se dá por seu apelido: Edson Arantes do Nascimento, o Rei **Pelé**. Não são raros os jogadores que costumam ser conhecidos mais por seus apelidos que por seus “nomes de cartório”, como **Garrincha**, **Diamante Negro** e **Grafite**, ou que têm um apelido que serve como identificador-qualificador, como Ronaldo **Fenômeno** e Adriano **Imperador**.

¹ Como bem alerta Amaral (2011, p. 68), “Em Portugal, por exemplo, *apelido* aplica-se ao que correntemente chamamos de *sobrenome* (compare-se com *apellido*, em espanhol) e muitos termos elencados como correspondentes à *alcunha* não se empregam no português brasileiro”.

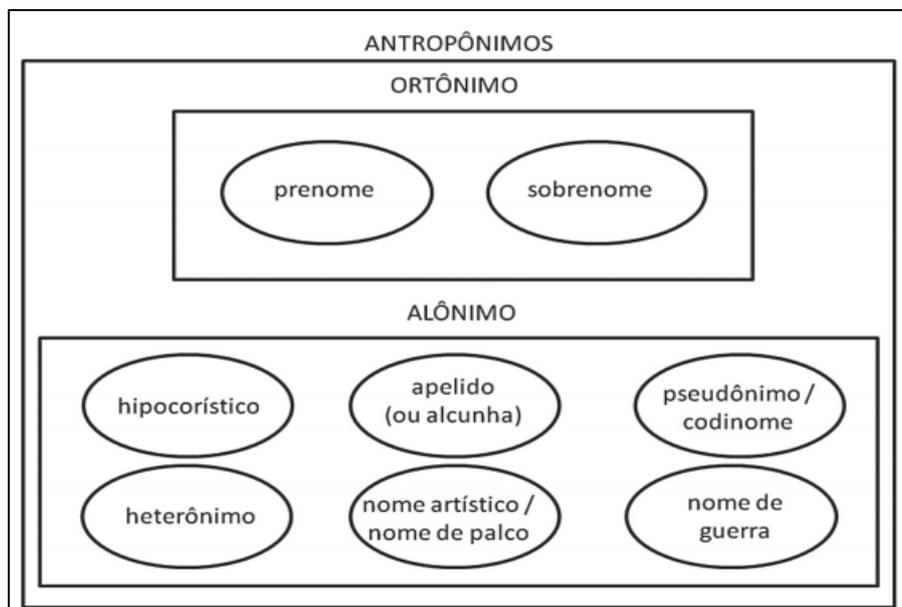
Dick (1990), seguindo os postulados de Albert Dauzat acerca da designação toponomástica, afirma que a nomeação pode ter caráter espontâneo, “nascida no seio popular e não individualizado, por não ter uma autoria identificável, em princípio”, bem como ser sistemática ou oficial, ou seja, atribuída aos seus descobridores ou fundadores. Henriques (2007, p. 225) assim assinala o fenômeno do apelidamento:

Epítetos, cognomes, apelidos, antonomásias, alcunhas são substantivos comuns tomados a partir de uma motivação metonímica ou metafórica – conhecida ou desconhecida – como substitutos de um antropônimo e, em decorrência disso, às vezes redigidos também como substantivos próprios.

Destaque-se que tal fenômeno não cabe somente para antropônimos, mas vale igualmente para o apelidamento de lugares, como é o caso dos estádios de futebol. Como se percebe, várias são as motivações para o apelidamento de um time, grupo de torcedores ou mesmo de um estádio de futebol⁴. Valendo-se da tipologia de Amaral (2011) para os antropônimos em PB, percebe-se a polivalência dos nomes próprios.

⁴ Um fato, inicialmente ocorrido na Europa, e há uns quinze anos no Brasil, é o de locação/venda do nome do estádio para uma empresa. Em uma entrevista dada pelo ex-presidente do Corinthians e principal representante do clube na gestão da Arena Corinthians, Andrés Sanches, no Fox Sports (18 fev. 2015), este confessou a dificuldade em vender o *namingrights* porque popularmente o estádio estava sendo chamado de “Itaquerão”, em referência à região onde se encontra, Itaquera – zona leste paulistana. Não deve ter sido à toa que rapidamente a imprensa passou a referir-se ao local como Arena Corinthians, algo proibido pela regulamentação da Fifa, que não permite a vinculação de nomes de estádios a clubes de futebol. Daí, durante a Copa do Mundo de 2014, a arena paulistana ter sido denominada pela imprensa oficial de *Arena São Paulo*, nome que “não adquiriu alma”, nem nunca adquiriria, caso houvesse uma tentativa de imposição, principalmente pela rivalidade entre os clubes Corinthians e São Paulo. O nome do recém-reformado estádio da Sociedade Esportiva Palmeiras é *Allianz Parque*, comprado pela empresa alemã, em detrimento ao antigo nome *Palestra Itália*, que fazia referência à fundação do clube.

Figura 1 – Diagrama da tipologia de antropônimos



Fonte: Amaral (2011, p. 76).

Considerando a classificação em ortônimos e alônimos, alocamos os apelidos no segundo grupo (grego *alo*: diferente; *onoma*: nomes), uma vez que tal nominata se configura como paralela a um nome “oficial”. Amaral (2011, p. 71-2) classifica-os como aqueles “antropônimos que não correspondem com os nomes oficiais garantidos pela legislação e atribuídos ao indivíduo no registro civil. Os alônimos, por sua vez, formam um grupo bem heterogêneo de antropônimos, como hipocorísticos, apelido, pseudônimos etc.”. No item de descrição e análise de dados, discutir-se-á a tipologia apresentada em busca de uma categorização para esses denominativos.

Tais apelidos podem demarcar posturas diversas, que levam a sentimentos como autoestima e pertencimento ou vergonha e autodestruição, aqui tomados sob o binômio **euforia** (sentido positivo) e **disforia** (acepção pejorativa). Os torcedores atribuem o “autoapelidamento” apoiados em características positivas do contexto sociocultural do local onde joga sua

equipe. Por outro lado, utilizam itens lexicais pejorativos diante de características adversas socioculturais ou históricas para se referirem ao estádio de um clube rival. Como já dito, essa nomeação pode ser direcionada a times, torcedores ou estádios. A relação/representação positiva desses *loci* pode ser interpretada tendo por base o que o geógrafo Yi-Fu Tuan denominou *topofilia* (TUAN, 2012), sendo o sentimento oposto um contexto de *topofobia*, quando se constituem atitudes de ódio ou de pavor ao local ou a uma simples menção do nome do lugar.

Não podemos negar que ambos os fenômenos ocorrem no âmbito do futebol, uma vez que o microlocal que remete ao “time do coração” é afetivamente considerado um “lar”, enquanto aquele referente a um time rival tende a causar sentimentos negativos, geralmente no campo afetivo do ódio. Como exemplo, podem-se tomar dois times de futebol brasileiro nacionalmente conhecidos: o *São Paulo Futebol Clube* e o *Sport Club Corinthians Paulista*.

Quadro 1 – Tipologia de alônimos na área futebolística.

ORTÔNIMO	ALÔNIMO5				
	Clube		Torcedor (geralmente disfórico)	Estádio	
	Eufórico	Disfórico		Eufórico	Disfórico
São Paulo Futebol Clube	Tricolor Paulista / Clube da Fé	“Time de bambi”	Bambi	MorumTRI	Panetone
Sport Club Corinthians	Timão/ Coringão/ Time do Povo	CUrúntia	Gambá / Galinhada	Hospício / Itaquerão	Galinheiro / Itaquerão / Impressora/ Arena Lula

Fonte: elaboração própria

⁵ Uma profícua fonte de dados acerca dos apelidos dos clubes/torcedores de futebol do Brasil, notadamente os pejorativos, encontra-se no *post* encontrado no link <http://forum.cifraclub.com.br/forum/11/170136/> Acesso em 14 nov. 2016. Mesmo que não haja como atestar boa parte das informações ali contidas, por serem as motivações para essa nominata de natureza enciclopédica, de cunho oral e coletivo, não se vê ressalvas na tomada desse banco de dados como confiável.

quadro acima demonstra quão diversificadas são as possibilidades de alônimos no âmbito do futebol. A profusão de antonomásias para estádios pode ser percebida nas suas diferentes motivações, que podem ser experiencializadas positiva ou negativamente. É o caso de Itaquerao, que tem ganhado força para referenciar o novo estádio do Corinthians. Sendo localizado na Zona Leste, portanto na periferia paulistana, pode ser entendido como uma bem-vinda marca identitária pelos moradores e torcedores da região (*Itaquerao*), mas também como forma de discriminação por rivais.

Outros exemplos apresentam motivações, como, dentre outras: i) analogia, como *Impressora*, pelo *design* retangular do estádio, e *Gambás*, haja vista o Centro de Treinamento (CT) do Corinthians localizar-se às margens do Rio Tietê, o que permitiu a associação da poluição e do cheiro fétido do rio ao animal gambá, conhecido por seu mau odor, e deste a um time “imundo”, segundo o espectro dos rivais; ii) política, em *Arena Lula*, pela menção de que foi construído sob influência do corintiano e ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva; iii) locativa, em *Galinheiro*, por remissão ao apelido ‘Galinhada’. A princípio, um apelido pode ou não ter uma marcação temporal efêmera. Nos apelidos acima destacados, dois claramente são mais produtivos – *Gambá* e *Galinheiro* –, enquanto os outros dois têm tido uma menor frequência, por seus caracteres mais circunstanciais – *Arena Lula* e *Impressora*.

O processo de apelidamento representa uma aproximação entre fatos socioculturais, neste caso, entre indivíduos e ambiente e entre os indivíduos torcedores de um mesmo time ou rivais. Entretanto, o apelidamento está, cada vez mais, sendo inibido em diversos ambientes da sociedade com o intento de evitar, principalmente, termos pejorativos e danos à moral dos sujeitos, conforme citado por Pontes Vieira e Martins (2015) sobre o

fenômeno do apelido ao longo da vida humana. Observa-se, ainda, que o apelido permanece enraizado na cultura do futebol e, principalmente, é expediente frequentemente utilizado por torcedores para a promoção do seu time de coração ou diminuição do rival.

3. Descrição e coleta dos dados

Neste item, destacam-se as fontes de dados coletados para a pesquisa. Na subseção 3.1, descrevem-se os dados apresentados pelo Cadastro Nacional de Estádio de Futebol (CNEF), fonte primária de dados desta pesquisa, haja vista ser um documento oficial elaborado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Ao atestar diversas lacunas quanto a informações basilares para este estudo, tal como a inscrição dos apelidos desses estádios, foram utilizadas fontes secundárias, tais como sites de governos municipais e do estadual, bem como e-mails a dirigentes de clubes sergipanos e entrevistas informais com torcedores de futebol do estado em busca das informações necessárias.

Já o subitem 3.2 trata da descrição da metodologia da pesquisa, mediante a qual se pode ter acesso a uma tabela de elaboração própria em prol de uma melhor apresentação, quantificação e categorização dos dados. Assim, esta pesquisa se pretende mais do que uma listagem de informações enciclopédicas, sendo um estudo léxico-semântico-cognitivo da nominata, como pode ser encontrado na subseção de análise do *corpus*.

3.1 Fontes e instrumentos de coleta de dados

O *Cadastro Nacional de Estádios de Futebol* (CNEF), elaborado pela Diretoria de Competições da CBF, foi lançado em 13 de agosto de 2009 e sua versão mais atualizada data de 23 de agosto de 2013 (quarta atualização). Ele

traz diversas informações úteis acerca dos locais de prática futebolística profissional por todo o país, “originárias das administrações dos estádios e veiculadas pelas correspondentes Federações Estaduais de Futebol” (CBF, 2013, p. 96). Num total de 96 páginas, dispõe tais dados por região e por unidade federativa, apresentando os seguintes campos: **nome**, **apelido**, **cidade**, **iluminação** (com/sem), **proprietário** (particular/federal/estadual/municipal), **capacidade oficial do estádio** (medição oficial reconhecida), e **competições**, em que “constam as competições oficiais que utilizaram o estádio nas três últimas temporadas (2010 a 2012), quais sejam, o Campeonato Brasileiro Séries A, B, C, D, Copa do Brasil e os Campeonatos Estaduais 1ª Divisão e 2ª Divisão/outras” (CBF, 2013).

Verificou-se, após o cotejo desses dados, que os campos **apelido** e **capacidade** se apresentavam lacunares. Infelizmente, o cadastro é negligente por não informar o motivo pelo qual a coluna está em branco – se não ocorre apelidamento ou se tal informação não foi conseguida nas federações estaduais de futebol.

3.2 Apresentação da metodologia e dos dados da pesquisa

Com o objetivo de inventariar, descrever e analisar o fenômeno de apelidamento e de propor uma tipologia para a nomenclatura dos estádios de futebol profissional, foi realizado um estudo descritivo de abordagem qualiquantitativa. Os dados, como já dito, foram coletados junto ao CNEF (CBF, 2013) e, em virtude das omissões de informações desse documento ou mesmo para a comprovação dos dados ali apresentados, projetou-se o preenchimento das informações lacunares por meio de pesquisa de campo.

Inicialmente, coletaram-se as lacunas do CNEF quanto ao campo **apelido**. Dos 30 estádios apresentados nesta base de dados para o estado de Sergipe, fez-

se um recorte para catorze (14) deles. Os critérios de inclusão dos estádios no *corpus* passaram por: i) uso do estádio na Primeira Divisão do Campeonato Sergipano de Futebol 2015 – oito estádios; ii) inexistência de estádios (estádios sonogados?) no CNEF 2013, como foi o caso de seis deles (Trindadão; Aníbal; Albanão; João Alves, de Gararu; Adolfo; Vila Operária, de Estância).

Dos oito que constam no CNEF 2013, todos apresentam informações no campo ‘apelido’. Dos seis demais, não registrados nesse cadastro, as informações foram coletadas por seleção de torcedores para participar da pesquisa – integrantes do grupo *Futebol Sergipano* na rede social *Facebook*⁶. A coleta de dados se deu por entrevistas semidirigidas, elaboradas e enviadas a torcedores via *e-mail*, solicitando que os participantes respondessem sobre a existência ou não de apelidos pejorativos.

As perguntas feitas aos informantes foram: i) *Por qual time você torce?*; ii) *Por qual apelido você chama o estádio em que o seu time joga?*; iii) *Você atribui apelido a algum estádio de times adversários? Se sim, qual o estádio e o apelido atribuído?*; iv) *Qual o motivo do apelido?* Em caso da existência, o participante deveria informar qual o apelido e descrever a motivação para tal atribuição. Após três (3) respostas idênticas de torcedores de um mesmo clube, a amostra foi finalizada por saturação.

3.3 Descrição do *corpus*

Após o levantamento de dados, passou-se ao preenchimento dos dados apresentados por meio de quadro para um melhor entendimento do conteúdo apresentado. Os campos designados no Quadro 2 obedecem aos seguintes objetivos:

⁶ O grupo de discussão sobre o Futebol sergipano contava, no mês de março de 2017, com 8.866 membros. É um grupo fechado (só há inclusão no grupo se houver aprovação de algum membro) e pode ser encontrado neste endereço eletrônico: <http://bit.ly/2oCQ0A9>

Quadro 2 – Descrição dos campos para preenchimento do banco de dados.

CAMPO	DESCRIÇÃO
Nome oficial	Apresentar, tal qual exposto no CNEF 2013, o nome oficial do estádio cotejado.
Cidade	Descrever o município-sede do estádio. Após apuração das informações, percebeu-se que não havia incongruências nos dados do CNEF 2013.
Apelido primário	Apresentar o nome popular (espontâneo ou sistemático) do estádio em questão.
Patrônimo	Destacar informações acerca da posição social do homenageado ou da relação do topônimo com o time ou a cidade-sede.
Time mandante	Listar o(s) clube(s) de futebol profissional que costuma(m) ter mando de jogo no estádio em questão.
Apelido eufórico	Inventariar o(s) apelido(s) pelo(s) qual(is) a torcida do time mandante costuma chamar o estádio onde sua equipe joga.
Apelido disfórico	Inventariar o(s) apelido(s) pejorativo(s) pelo(s) qual(is) uma ou mais torcidas adversárias costuma(m) chamar o estádio do time rival.

Já o Quadro 3 corresponde à descrição dos dados para os campos estabelecidos no Quadro 2.

Quadro 3 – Dados sobre os estádios de futebol sergipano.

N.	NOME OFICIAL	APELIDO OU REFERÊNCIA PRIMÁRIA	PATRÔNIMO	TIME MANDANTE	MUNICÍPIO
1	Presidente Emílio Garrastazu Médici ⁷ Estádio Etelvino Mendonça ⁸	Médici> Etelvino / Mendonça	Político nacional> Político local	Itabaiana / Coritiba	Itabaiana

⁷ Por curiosidade, pesquisou-se a ocorrência, no CNEF-2013, de outro(s) estádio(s) nomeado(s) por algum presidente do período ditatorial civil-militar (1964-1985) e, surpreendentemente, nenhum outro estádio, dos 739 apresentados neste catálogo, atende a esse critério.

⁸Foi sancionada em 14 de janeiro de 2016, pelo governador de Sergipe, Sr. Jackson Barreto, a mudança toponímica do Estádio Presidente Emílio Garrastazu Médici para **Estádio Etelvino Mendonça**, por conta de recomendações do Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade (CNV), com a seguinte

2	João Hora de Oliveira	João Hora	Personalidade do clube	Sergipe	Aracaju
3	Joaquim Sabino Ribeiro	Sabino / Proletário	Personalidade do Clube	Confiança	Aracaju
4	Lourival Baptista	Batistão	Político local	Sergipe / Confiança	Aracaju
5	Antonio Brejeiro	Brejeirão	Político local	Amadense / 7 de junho	Tobias Barreto
6	Augusto Franco	Francão	Político local	Estanciano / Boca Júnior	Estância
7	Radialista Wellington Elias	Lelezão	Personalidade desportiva local	Socorrense	Nossa Senhora do Socorro
8	Paulo Barreto de Menezes	Barretão	Político local	Lagarto	Lagarto
9	João Trindade Filho	Trindadão	Político local	Boquiense	Boquim
10	Estádio Estadual de Simão Dias (antigo Albano Franco)	Albanão / Aragão	Coronímia	Independente	Simão Dias
11	Aníbal Franco	Aníbal	Político local	Laranjeiras	Laranjeiras
12	João Alves Filho	João Alves	Político local	Gararu	Gararu
13	Adolfo Rollemberg Leite	Adolfo / Campo do Agamenon	Político local	Grêmio Agamenon	Aracaju
14	Vila Operária Santa Cruz	Vila Operária	História local	Santa Cruz (inativo)	Estância

Fonte: CBF (2013); Dados da pesquisa de campo.

justificativa: promover a alteração da denominação de logradouros, vias de transporte, edifícios e instituições públicas de qualquer natureza, sejam federais, estaduais ou municipais, que se refiram a agentes públicos ou a particulares que notoriamente tenham tido comprometimento com a prática de graves violações. Etelvino José de Mendonça (04/10/1903 – 02/07/1975) foi um grande desportista de Itabaiana. Também foi prefeito e sempre lutou pelo esporte no município do agreste. Levou a primeira bola de couro ao município, em 1919, e foi responsável pela doação do terreno onde foi construído o estádio que levou seu nome. O interessante é que, de sua construção, na década de 1940, até 1969, o estádio municipal se chamava “informalmente” Etelvino Mendonça, quando recebeu o nome do então presidente Médici. Disponível em: <http://bit.ly/2nOkwYw>. Acesso em 14 nov. 2016.

4. Análise dos dados

Na seção 4, parte-se para uma interpretação das informações dispostas no Quadro 3. O *corpus* mescla dados descritos no CNEF-2013 com a nominata coletada pelos autores por entrevistas e pesquisa *in loco*. Por avultar no *corpus*, a sufixação em *-ão* ganha destaque na análise, com abordagem quali-quantitativa, dentre os fenômenos de apelidamento possíveis. Contudo, merece igual destaque neste trabalho a nominata antonomásica referente à rivalidade, por além de ser um *corpus* não registrado nas fontes oficiais, permitir um estudo dos padrões denominativos que concorrem para em tal processo.

4.1 Análise genérica do *corpus*

Os antropônimos memorializados são todos do sexo masculino, majoritariamente de políticos nacionais ou locais – quando locais, são geralmente mecenas relacionado à história do clube, do estádio e/ou da cidade, especialmente em estádios públicos, configurando uma alta frequência de (auto)encômio. Chefes do Poder Executivo, em suas gestões, têm se valido dessa prerrogativa para nomear tais espaços públicos com seus nomes, o que, em tese, seria proibido por lei⁹.

Observa-se, contudo, que os nomes oficiais dos estádios particulares têm diferentes padrões de nomeação: por não serem, em certo grau, dependentes do erário público, costumam homenagear torcedores que contribuíram diretamente para a existência e/ou formação do clube mandante ou do estádio,

⁹ Sobre a questão, há uma lei federal, a Lei 6.454, de 24 de outubro de 1977, que “Dispõe sobre a denominação de logradouros, obras, serviços e monumentos públicos, e dá outras providências”. Havia, no seu artigo 1º: “ É proibido, em todo o território nacional, atribuir nome de pessoa viva a bem público, de qualquer natureza, pertencente à União ou às pessoas jurídicas da Administração indireta.”. Como é sabido, essa lei, mesmo nos casos posteriores à sua promulgação, tem sido amplamente desrespeitada em território nacional. A Lei nº 12.781, de 2013, revoga aquele artigo, mas mantém o mesmo entendimento: “Art. 1º É proibido, em todo o território nacional, atribuir nome de pessoa viva ou que tenha se notabilizado pela defesa ou exploração de mão de obra escrava, em qualquer modalidade, a bem público, de qualquer natureza, pertencente à União ou às pessoas jurídicas da administração indireta.”

como é o caso do médico *João Hora de Oliveira* e de *Joaquim Sabino Ribeiro Chaves* (1912-1980). Também ocorre a remissão à história do clube mandante, como em Vila Operária, referência feita aos operários e futebolistas da fábrica fundadora do Santa Cruz de Estância. A exceção fica por conta do Estádio *Radialista Wellington Elias* (1927), antigo Estádio do SESI – Serviço Social da Indústria –, cujo nome homenageia, ainda em vida, em 2010, este ex-técnico de futebol e cronista esportivo de Sergipe.

4.2 Sufixo -ão

Segundo o levantamento de Perini-Santos e Mello, pouco mais de um quarto (26,5%) dos estádios de futebol do Brasil cotejados tinha como apelido comum uma marcação sufixal em *-ão* em 2011: “[...] dos 634 estádios brasileiros registrados, 303 unidades, 47,8% do total de estádios, têm apelido (ou nome popular); sendo que, desses, 168, 26,5% do total de estádios, terminam em *-ão*; e 135, 21,3% do total de estádios, apresentam outro apelido ou redução.” (2011, p. 16). Esse processo morfológico é assim descrito pelos autores como *especificação mórfica*:

[...] como a ocorrência de uma particularização semântica associada a alguma forma mórfica particular. O uso do final *-ão* nos nomes populares dos estádios de futebol, provavelmente a partir do *trigger moment* descrito, é um caso de especialização semântica de um modelo lexical em um uso contextualizado. Ou seja, não se afirma que todo e qualquer uso da forma *-ão* leve à interpretação de “estádio de futebol”, mas, dadas certas condições contextuais e temáticas, tal interpretação torna-se pertinente. (PERINI-SANTOS; MELLO, 2011, p. 27).

O *trigger moment*– momento inicial ou gatilho – foi a década de 1960, quando, por meio de dados coletados na imprensa mineira, possivelmente

tenha sido “o ‘Mineirão’, inaugurado em setembro de 1965, o primeiro estádio a receber apelido desse tipo” (*idem*, p. 27). O Estádio Governador Magalhães Pinto, localizado em Belo Horizonte, tem em seu apelido uma dupla sufixação: a base *min-* ao sufixo *eir-*, que faz o gentílico dessa unidade federativa (*mineiro/a*, o/a, que nasceu em Minas Gerais) e, no intuito de demarcar a grandeza física do espaço, recebe também o sufixo *-ão*. Esse segundo sufixo, de ativa produtividade na formação de sintagmas lexicais do PB, tem seu percurso diacrônico no latim (-onem; -anu), e certamente a característica de formador de aumentativos é sua principal função mórfica.

Essa função também tem, por vezes, caráter distintivo, como em *Maracanã/Maracanãzinho* ou em *Mineirão/Mineirinho*, que diferenciam os *loci* de prática de futebol e de esportes como vôlei, futsal e outros esportes praticados em ginásios cobertos, respectivamente. Como este artigo delimita os estádios de futebol como *corpus*, percebe-se um desses fenômenos morfolexicais, particularidade do Português brasileiro (PB): o morfema sufixal *-ão* ao fim de um item lexical independente ou mesmo justaposto a uma parte do sintagma do nome oficial do estádio. Esta característica será melhor descrita com o *corpus*.

Santos (2010, p. 20) destaca que

[...] o sufixo *-ão* apresenta vários significados (*ação, agentivo, diminutivo, intensidade, gentílico e nomina essendi*), e não deve, portanto, ser resumido em uma única função – a de aumentativo –, ainda que esta seja sua função mais produtiva. Além dos valores semânticos desempenhados por este sufixo, há ainda traços que dão nuances a esses significados, como os de intensidade, melhorativo e pejorativo. Ocorre também, algumas vezes, de esses traços aparecem [*sic*] de forma absoluta, ou seja, independentes dos outros significados.

Quanto aos apelidos primários, percebe-se uma marcação majoritária de antropônimos de cunho encomiástico. No caso do fenômeno morfossemântico destacado neste estudo, nota-se uma função de intensidade, com motivação de grandeza e de superioridade. A onipresença desse fenômeno antonomásico no território brasileiro é demonstrada regionalmente por Perini-Santos e Mello, cujos resultados estão expostos no Quadro 4:

Quadro 4 – Proporção de ocorrências de processos de apelidamento (por região do país).

Regiões	Apelido em [-ão]	%	Outro Apelido	%	Total	%	Sem Apelido	%	TOTAL
NO	17	42,5	9	22,5	26	65,0	14	35,0	40
NE	82	40,8	35	17,4	117	58,2	84	41,8	201
CO	27	26,5	19	18,6	46	45,1	56	54,9	102
SE	36	18,5	39	20,0	75	38,5	120	61,5	195
SU	6	6,25	33	34,4	39	40,6	57	59,4	96
Total	168	26,5	135	21,3	303	47,8	331	52,2	634

Fonte: Perini-Santos e Mello (2011, p. 19).

Dos dados expostos, percebe-se que o apelidamento dos estádios em *-ão* destaca-se frente a outros fenômenos onomásticos em todas as regiões do país, tais como referências a parte do ortônimo do homenageado, menção ao local onde o estádio se situa ou mesmo alguma alusão ao time que manda seus jogos naquele local. Segundo este quadro, nas regiões Norte e Nordeste, costuma-se “apelidar” mais estádios de futebol – mais de 40% dos estádios assim apelidados –, ao contrário das regiões Sul e Sudeste, com menos de 10 e 20%, respectivamente.

No *corpus* sergipano do CNEF, dos catorze (14) estádios analisados, sete (7) têm apelidos com designação em *-ão*. Dos outros 50% dos estádios sergipanos com apelidos, cinco (5) são referenciados pelo sobrenome, um (1) pelo prenome e um (1) pelo apelido do homenageado.

O Estádio Estadual Governador Lourival Baptista (1915-2013) foi inaugurado em 1969 e recebeu o nome do então governador de Sergipe. Chama atenção a exclusão do grafema *p* em Baptista quando este se apresenta como apelido: **Baptista** ~ **Batistão**, demonstrando que marcas incomuns ou especiais do ortônimo referente são submetidas a adequações gráficas da língua-alvo, uma vez que o *p* etimológico, em Baptista, é bem menos frequente que a grafia Batista no PB¹⁰.

O Estádio Municipal Antônio Brejeiro, em Tobias Barreto, faz homenagem a um ex-prefeito da cidade. Quanto ao apelido atribuído pelos torcedores locais, **Brejeirão**, os entrevistados ratificaram que se trata de um aumentativo do sobrenome do patrono, não havendo um apelido pejorativo para esse estádio.

O Estádio Estadual Governador Augusto Franco, localizado em Estância, foi inaugurado em 1983, quando o ex-político Augusto do Prado Franco (1912-2003) era o governador de Sergipe. O apelido **Francão** é utilizado pelos torcedores locais, não havendo um apelido pejorativo para o estádio.

O Estádio Estadual de Simão Dias, em Simão Dias, foi construído em 1991 e teve como primeiro nome oficial Estádio Albano Franco, em homenagem ao então senador da República por Sergipe (1940). O estádio foi reformado e reinaugurado em 2011, quando teve seu nome mudado. Apesar da alteração no nome oficial, os torcedores locais ainda se referem ao estádio como **Albanão**, referindo-se ao primeiro nome do antigo homenageado. Igualmente, esse estádio não possui apelidos disfóricos.

Sobre o Estádio Aníbal Franco, em Laranjeiras, poucas informações históricas em relação ao local e ao homenageado foram obtidas, especialmente em relatos orais com torcedores nativos. O estádio é chamado **Aníbal** pelos

¹⁰ Esse estádio, após sua última reforma, em 2014, passou a ser chamado de **Arena Batistão**, seguindo o modelo de nomeação de espaços futebolísticos específicos para a Copa do Mundo do Brasil de 2014.

torcedores locais em referência ao sobrenome do homenageado. Este não está no aumentativo por uma questão de eufonia, uma vez que, numa possível sufixação em -ão, “Anibão” não soaria bem.

O Estádio Estadual Paulo Barreto de Menezes, em Lagarto, de apelido **Barretão**, também tem como patrono um político sergipano que exerceu o cargo de governador do estado de 1971 a 1975. Esse *modus nominandi* remete a uma memória oficial forjada, na qual o Estado, numa posição social dominadora, impõe um não esquecimento a governantes e figuras públicas. Assim, o topônimo serve para a solidificação estereotipada de ideologia(s) dotada(s) de duração e estabilidade, como aborda Pollak (1989).

O Estádio Municipal João Trindade Filho, em Boquim, remete a um político local. Quanto ao seu apelido, **Trindadão**, é formado tendo por base o sobrenome do homenageado. Tal como outros estádios de mesmo porte, este não possui apelidos pejorativos.

O Estádio Municipal João Alves Filho é localizado em Gararu. Sobre o homenageado, ele se refere a um dos políticos sergipanos cujo nome é motivação frequente de memorialização nos espaços públicos do estado, como é o caso do maior hospital público de Sergipe e de outro estádio público, no município de Maruim, “casa” do Centro Sportivo (*sic*) Maruinense. Esse político tem seu nome em outro estádio, localizado em Propriá, conhecido pelos torcedores locais como **João Alves**.

Pelo fato de a lexia João já terminar em -ão (João <latim *Ioanne*), a estrutura da língua inibe tal processo de sufixação como uma incompatibilidade morfo-fonêmica. Outro aspecto interessante é que ‘João’, assim enunciado, não se configura um marcador denominativo que satisfaça os falantes em termos de referência: sempre se identifica o estádio do Club

Sportivo Sergipe por 'João Hora', e o do Sport Club Gararu por 'João Alves', em face de uma possível homonímia.

Quanto à posição da sufixação em -ão, encontra-se uma diversidade de possibilidades de base mórfica para esse sufixo. Podem recebê-lo tanto os ortônimos quanto os alônimos, bem como lexias externas ao nome oficial. Ilustrativamente, ocorrem, no *corpus*, o apelidamento em -ão no prenome (**Albanão**), no sobrenome (**Brejeirão**, **Francão** e **Barretão**) e no apelido (**Lelezão**, de Wellington Elias) do homenageado, quanto em itens lexicais referentes ao estádio ou à cidade local, como é o caso de **Petrolão**, no estádio de Carmópolis-SE, cidade conhecida pela exploração de suas jazidas de petróleo pela Petrobrás.

Descrito o *corpus*, a seguir, o foco será em como a rivalidade pode se tornar uma fonte de novas lexias para os estádios, uma vez que há uma referência bilateral que promove e até incita o apelidamento.

4.2. Apelidos de estádios de futebol em Sergipe: a rivalidade como mote de nomeação

Já se verificou que o processo de apelidamento permeia a cultura do futebol. Se advindos de torcedores de uma equipe adversária, traz consigo uma aura de violência, deboche, escárnio. Por outro lado, se inscrito por torcedores de um clube em relação ao estádio onde manda seus jogos, os sentimentos de identidade coletiva e de afeto podem ser identificados.

Segundo Moser (1998), o indivíduo percebe o ambiente de acordo com seu contexto sociocultural, e, por sua vez, o ambiente interage com o indivíduo de maneira que influencia no seu comportamento. Na literatura concernente, observam-se estudos que relatam os estádios de futebol como ambientes influenciados e influenciáveis pelos que o frequentam (ENSSLIN; ENSSLIN;

PACHECO, 2012). Tais estudos destacam a influência dos estádios de futebol no comportamento dos torcedores, apresentando uma das motivações para os frequentes conflitos entre torcidas a partir de uma incitação à violência.

A seguir, descrevemos os diversos apelidos coletados durante esta pesquisa, mediante tanto entrevista informal com torcedores locais quanto de investigação na rede social *Facebook* entre os meses de agosto e setembro de 2015.

Quadro 5 – Descrição dos apelidos de estádios sergipanos por rivalidade.

ESTÁDIO	MANDANTE	TORCIDA DO 'SERGIPE' REFERENCIA O ESTÁDIO	TORCIDA DO 'CONFIANÇA' REFERENCIA O ESTÁDIO	TORCIDA DO 'ITABAIANA' REFERENCIA O ESTÁDIO
João Hora de Oliveira	Club Sportivo Sergipe	JH / Mundão do Siqueira	João Bosta / Lixão do Siqueira	X
Sabino Ribeiro	Associação Desportiva Confiança	Sabino Chiqueiro / Chiqueirão	Sabino / Estádio Proletário	Chiqueirão/ Manguezal / Sabino Chiqueiro
Presidente Emílio Garrastazu Médici > Estádio Etelvino Mendonça (desde 2016)	Associação Olímpica de Itabaiana	X	Mérdice	Médici >Etelvinão ou Mendonça ¹¹

Fonte: elaboração própria.

O Estádio Estadual Presidente Emílio Garrastazu Médici, em Itabaiana, foi inaugurado em 1971 com a presença do então Presidente do Brasil – 1969 a 1974 – e homenageado, Emílio Garrastazu Médici. Haja vista a

¹¹ A adesão a apelidos com sufixação –ão para o estádio de Itabaiana-SE já se mostra frequente, mas ainda não se pode considerá-los *apelidos-padrão*, termo ao qual denominamos quando da escolha e da promoção maciça de uma antonomásia por parte da mídia esportiva impressa, televisiva e *on-line*.

memorialização toponímica de políticos durante a Ditadura Militar ter sido de alta frequência, isso demonstra a aproximação, ou mesmo o uso, do futebol como ferramenta político-ideológica. Os torcedores da Associação Olímpica de Itabaiana e do Coritiba Futebol Clube, clubes que jogam nesse estádio, referiam-se a ele como **Médici**, remetendo-se ao sobrenome do homenageado, ao passo que os torcedores do time rival, o Confiança, o nomeavam **Mérdice**, com analogia à merda, o que, mais uma vez, faz da referência à imundície a motivação para o apelidamento.

Atualmente, com a mudança toponímica já destacada, não demorou para que novos apelidos com sufixo em *-ão* fossem lexicalizados pelo processo de analogia: **Etelvinão** e **Mendonção** estão em concorrência. A imprensa de rádio e de TV, até o mês de fevereiro de 2017, ainda se manifestava pelo ortônimo: Estádio Etelvino Mendonça.

Os torcedores do Confiança apelidaram de **Chiqueirão** o atual Etelvino Mendonça. Os informantes explicaram que o apelido remete à aparência física do estádio – “parece um chiqueiro”.

Já os dados referentes ao Estádio João Hora de Oliveira – esse patronímico foi torcedor e presidente do Conselho deliberativo do Club Sportivo Sergipe (*sic*), doador do terreno onde foi construído o estádio – permitem perceber uma relação paradoxal. O apelido dado pela torcida do Sergipe, **Mundão do Siqueira**, alude ao amplo terreno do estádio – abrangendo a área construída e não construída – e ao bairro onde está situado, o Siqueira Campos. Por outro lado, o apelido pejorativo se vale da mesma morfologia – **Lixão do Siqueira**. Os torcedores do Confiança e do Itabaiana explicaram que o atribuíram em razão da aparência física do estádio e à analogia com o imundo: “o formato do estádio lembra um lixão, e como está no Siqueira, chamamos de **Lixão do Siqueira**”.

O estádio da Associação Desportiva Confiança, Estádio Joaquim Sabino Ribeiro, foi construído em 1955 com o apoio do próprio Sr. Joaquim Sabino, que foi um dos fundadores do Confiança e um dos donos da fábrica que deu origem ao clube. Idealizado pelos donos da fábrica, os operários participavam e representavam o clube nas competições esportivas, por isso a origem do apelido **Proletário**, que serve tanto para designar o time quanto o estádio. Já o apelido **Sabino**, como visto, remete ao sobrenome do homenageado. Quanto aos apelidos pejorativos, os torcedores do Sergipe e do Itabaiana enfatizaram que **Sabino Chiqueiro** e **Manguezal** referem-se às condições estruturais do estádio, principalmente do solo, que umidifica rapidamente em tempos de chuva, segundo os torcedores adversários, “parecendo um mangue ou um chiqueiro”.

Ainda sobre o **Batistão**, ambos os clubes, Confiança e Sergipe, mandam seus jogos de maior expressão nesse estádio, não tendo sido identificados apelidos pejorativos para esse *locus*. A hipótese para tal fato é que o caráter de afetividade suplanta o de rivalidade, ou seja, o fato de ser igualmente um time mandante de jogos no estádio onde seu adversário faz suas partidas anula qualquer possibilidade de tratar pejorativamente o espaço em questão.

Outros estádios onde, mesmo que se perceba certa rivalidade entre os torcedores, também não apresentaram apelidos pejorativos numa relação bilateral foram os dos municípios de Lagarto e de Itabaiana, que são dois dentre os mais populosos e tradicionais do interior do estado de Sergipe.

O estádio **Leleão** – grafado **Lelesão** no CNEF (2013) – não possui um apelido pejorativo. Uma vez que o [s] intervocálico torna-se [z] em PB, esperava-se mesmo que os torcedores locais entrevistados o inscrevessem **Leleão**, como grafema <z>. Os informantes explicaram que a origem do apelido veio da imprensa, já que esse patônimo, há décadas, tem sido o maior expoente do jornalismo esportivo no estado.

Como hipótese, percebe-se que a produção denominativa é diretamente proporcional ao fenômeno da rivalidade e à grandeza do time correspondente: quanto maior a rivalidade, maior a nominata, seja eufórica ou disfórica, uma vez que os indivíduos apresentam a necessidade de sobreporem-se, dentro e fora do contexto esportivo, sendo visto como maiores, superiores, principalmente no comparativo com arquirrivais.

4.3. Outros tipos de apelidamento

O Estádio Estadual Adolpho Rollemberg Leite, em Aracaju, primeiro grande estádio em Sergipe, foi inaugurado em 1920. Adolpho Rollemberg era um renomado empresário do estado e foi homenageado por ter doado o terreno para a construção do Estádio Municipal. O estádio é apelidado pelos locais como Adolfo e Campo do Agamenon, que faz uma alusão ao conjunto habitacional onde o estádio está localizado. O estádio não possui apelido pejorativo. Por esse dado, nota-se que a prática de memorialização pela homenagem é antiga, uma vez que o primeiro estádio do estado, o **Agamenon Magalhães**, fundado em 1920, já demonstrava a prática encomiástica de personalidades políticas. Hoje não recebe mais jogos oficiais e se tornará um Centro Desportivo, sendo o Grêmio Agamenon o time amador que costuma mandar jogos no estádio. Tal qual no caso de Batistão (<Baptista), no apelido **Adolfo** há uma adequação gráfica ao Português Brasileiro do ortônimo Adolpho Rollemberg Leite (<ph> para <f>).

Por fim, o Estádio Vila Operária do Santa Cruz, em Estância, atualmente inativo e pertencente ao Sport Clube Santa Cruz.¹², foi fundado em 1930 por funcionários de uma fábrica situada no bairro Santa Cruz-Estância. A

¹² Como pode ser repetidamente observado neste artigo, não são raros os nomes de agremiações que mantêm grafias etimológicas, como nos anglicismos **Club**, **Sport** e **Sportivo**. O Club Sportivo Sergipe, por exemplo, data de 1909, portanto, anterior ao primeiro Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1911, no qual Gonçalves Viana advoga pela “Proscrição absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega, th, ph, ch (=k), rh e y” (Viana *apud* COUTINHO, 2011, p. 78). É o caso dos times do Sport Club Corinthians Paulista e do Sport Clube Santa Cruz, ambos fundados antes de 1911, o que demarca uma nominata específica que certamente não se apresenta totalmente influenciada pelas mudanças propostas pelas leis ortográficas lusófonas.

origem operária dos fundadores e o nome do bairro justificam o nome oficial do estádio, que costuma ser referenciado por **Vila Operária** pelos torcedores locais, não tendo um apelido pejorativo nem mesmo por parte dos torcedores do Estanciano, outro time da cidade. Certamente a resposta para isso está no fato de que o Santa Cruz encerrou suas atividades há muitos anos, extinguindo a rivalidade.

Fica clara a relação do poder político com a profissionalização do esporte e com a construção de obras públicas e sua memorialização, uma vez que a nomeação desses espaços é substancialmente demarcada por influência político-administrativa num caráter sistemático (não espontâneo). Observa-se, assim, que os nomes dos estádios possuem uma estreita relação com a política, enquanto o apelidamento, apesar de muitos apenas acrescentarem o sufixo *-ão* ao nome original, não (ou pouco) possuem a intenção de reverenciar ainda mais os políticos homenageados, mas de elevarem o *status* da sede esportiva do clube. Em contrapartida, os apelidos pouco utilizam o nome de “batismo” do estádio, e buscam características adversas da equipe ou do ambiente físico em que ele está situado.

5. Considerações finais

Os nomes cotejados neste trabalho, muitos dos quais surgidos espontaneamente em detrimento dos nomes oficiais dos estádios de futebol em Sergipe, permitiram o inventário de alcunhas não oficiais, já que trazem à baila apelidos pejorativos para os locais de prática futebolística coletados junto a torcedores sergipanos. Essa coleta permitiu perceber atitudes e valores relacionados ao amor e à rivalidade, expressados em práticas linguísticas de apelidamento desses espaços antrópicos. Assim, advoga-se que a relação afetiva

do torcedor com esses *loci* é marcada por paixão, ódio ou indiferença, com uma nomeação oficial majoritariamente de cunho político-administrativo.

Nos estádios públicos, municipais ou estaduais, com poucas exceções, observa-se que os nomes oficiais foram atribuídos em forma de (auto-)homenagem a políticos que fazem ou fizeram parte da construção desses espaços. Quanto aos apelidos pejorativos, observou-se que apenas três estádios têm recebido alguma alcunha pejorativa: Médici (Mérdice), João Hora (João Bosta, Lixão do Siqueira) e Sabino Ribeiro (Sabino Chiqueiro, Chiqueirão, Manguezal), por serem os estádios onde jogam Confiança, Itabaiana e Sergipe, a saber, os três times de maior expressão competitiva no futebol local, atestando que o espírito de rivalidade entre as agremiações motiva fortemente a criação de apelidos para esses espaços.

Após inclusão de dados não cotejados no CNEF (2013), percebeu-se que a sufixação em *-ão* não é usada apenas para designar relações positivas com esses espaços, mas permitem igualmente a formação de lexias disfóricas, como *Lixão* e *Chiqueirão*, haja vista não denotar grandeza, mas intensidade, seja positiva ou negativa.

Ao listar processos experiencializados por torcedores e demais envolvidos no âmbito do futebol, expõe-se que os nomes dos estádios de futebol em Sergipe, dentre outras possibilidades de interpretação do material linguístico coletado: a) têm exclusivamente patrônimos do sexo masculino; b) apresentam uma relação afetiva do estádio do “time do coração” com o lar; c) revelam uma relação de ojeriza e de ódio quanto ao estádio do time rival, representado como lugar imundo; d) destacam um universo, não raro homofóbico, no qual se percebe que a relação afetiva não é apenas interpessoal, mas também com diversos entes que dizem respeito a uma agremiação desportiva, tais como estádios, escudos e cores.

Por fim, mesmo entendendo as limitações que uma coleta de dados extensiva ao território brasileiro possa trazer, sugere-se que estudos futuros, com metodologias semelhantes, sejam realizados em outras regiões em busca de uma proposição taxonômica para apelidos de topônimos para esses *corpora*, bem como um mapeamento linguístico e social dos fenômenos encontrados nesta nominata.

Referências

AGOSTINO, G. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2002.

AMARAL, E. T. R. *Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro*. In: **Alfa: Revista de Linguística**. 2011, Vol. 55, Issue 1, p. 63-82.

_____; MACHADO, V. B. Nomes de urna e nomes parlamentares de vereadores da Câmara Municipal de Ouro Preto. In: **Revista GTLex**. Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 52-65, jul./dez. 2015. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/31721/17880> Acessado em: 10 fev. 2017.

CONFEDERAÇÃO Brasileira de Futebol. **Cadastro Nacional de Estádios de Futebol(2013)**. Disponível em <http://www.cbf.com.br/noticias/campeonato/cadastro-nacional-de-estadios-de-futebol-1#.VgyZuflViko>. Acesso em: 03 nov. 2016.

COUTINHO, I. de L. A ortografia portuguesa. In: _____. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011, p. 71-80.

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

ENSSLIN, L.; ENSSLIN, S. R.; PACHECO, G. C. Um estudo sobre segurança em estádios de futebol baseado na análise bibliométrica da literatura internacional. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 2, p. 71-91, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-99362012000200006>

GASTALDO, É. O complô da torcida: futebol e performance masculina em bares. **Horizontes Antropológicos**, v. 11, n. 24, p. 107-123, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832005000200006>

HENRIQUES, C. C. Escritores, Epítetos e Dicionário: uma parceria afinada. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande; São Paulo: Ed. UFMS; Humanitas, 2007, v. III, p. 223-233.

LEI nº 6.454, de 24 de outubro de 1977. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6454.htm>. Acesso em: 28 set. 2016.

MASCARENHAS, G. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e cultura**, n. 19-20, p. 61-70, 2012.

MOSER, G. Psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 3, n. 1, p. 121-130, 1998. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100008>

PERINI-SANTOS, P.; MELLO, H.. Formações Lexicais por Analogia: explicação diacrônica para os nomes populares de estádios de futebol no Brasil. In: **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, v. 11, n. 2, p. 23-41, 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

PONTES VIEIRA, E. P.; MARTINS, F. F. Aspectos históricos e epistemológicos relacionados ao conceito de raça humana e a formação de professores de ciências e Biologia. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 11, n. 22, 2015, p. 22-33.

RINALDI, W. Futebol: manifestação cultural e ideologização. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2008.

SANTOS, A. P. O estudo do sufixo -ão: valores semânticos e proposta genealógica. In: MARÇALO, M.J.; LIMA-HERNANDES, M. C. *et alli*. (Org.). **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Évora, 2010, v. 1, p. 1-21.

SEIDE, M. S. Usos de antropônimos como elementos coesivos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 23-35, out. 2009. ISSN 1984-8412. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2008v5n2p23/11029>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. 2. ed. Londrina: Eduel, 2012.

VIEIRA, Zara Peixoto. **O reflexo da memória social na toponímia**: o espontâneo e o popular. Disponível em <http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ2_13.htm>. Acesso em: 03 nov. 2016.

Artigo recebido em: 04.09.2016

Artigo aprovado em: 18.11.2016